

Repositório ISCTE-IUL

Deposited in *Repositório ISCTE-IUL*:

2026-01-29

Deposited version:

Publisher Version

Peer-review status of attached file:

Peer-reviewed

Citation for published item:

Veloso, L., Marques, J. S. & Quintao, C. (2025). A singularidade de uma companhia de artes performativas como lugar de exercício de cidadanias maiores. In Paula Varanda, Raquel Ermida (Ed.), *Por uma causa maior: Arte, cidadania e idadismo no envelhecimento*. (pp. 127-154).: Companhia Maior e IHA-NOVA FCSH.

Further information on publisher's website:

10.34619/reuh-b5iy

Publisher's copyright statement:

This is the peer reviewed version of the following article: Veloso, L., Marques, J. S. & Quintao, C. (2025). A singularidade de uma companhia de artes performativas como lugar de exercício de cidadanias maiores. In Paula Varanda, Raquel Ermida (Ed.), *Por uma causa maior: Arte, cidadania e idadismo no envelhecimento*. (pp. 127-154).: Companhia Maior e IHA-NOVA FCSH., which has been published in final form at <https://dx.doi.org/10.34619/reuh-b5iy>. This article may be used for non-commercial purposes in accordance with the Publisher's Terms and Conditions for self-archiving.

Use policy

Creative Commons CC BY 4.0

The full-text may be used and/or reproduced, and given to third parties in any format or medium, without prior permission or charge, for personal research or study, educational, or not-for-profit purposes provided that:

- a full bibliographic reference is made to the original source
- a link is made to the metadata record in the Repository
- the full-text is not changed in any way

The full-text must not be sold in any format or medium without the formal permission of the copyright holders.

A singularidade de uma companhia de artes performativas como lugar de exercício de cidadanias maiores

LUÍSA VELOSO

Centro de Investigação e Estudos em Sociologia (CIES),
Iscte-Instituto Universitário de Lisboa

JOANA S. MARQUES

Associação A3S e Centro de Investigação e Estudos em Sociologia (CIES),
Iscte-Instituto Universitário de Lisboa

CARLOTA QUINTÃO

Associação A3S

PALAVRAS-CHAVE

IDADE MAIOR, IDADISMO, ARTE, ADVOCACY, CIDADANIA

Agradecimentos

O acompanhamento do projeto Causa Maior (CaM) foi um trajeto de aprendizagens múltiplas e de momentos marcantes para nós. E, neste sentido, a nossa primeira palavra de agradecimento vai para todos as pessoas que integram e/ou integraram o elenco da Companhia Maior (CM): Angelina Mateus, Carlos Fernandes, Carlos Nery, Cristina Gonçalves, Edmundo Sardinha, Elisa Worm, Isabel Millet, Isabel Simões, João Silvestre, Jorge Falé, Jorge Leal Cardoso, Júlia Guerra, Kimberley Ribeiro, Manuela Sousa Rama, Maria Catarina Rico, Maria Emília Castanheira, Maria Helena Falé, Maria José Baião, Mário Figueiredo, Michel, Paula Bárcia. As pessoas é que fazem as coisas acontecer e são estas pessoas que, com a sua elevada motivação, energia e profissionalismo, tornaram possível a concretização do CaM, enquadrado num percurso já longo da CM. À Maria de Assis Swinnerton agradecemos o facto de nos ter convidado a cocriar e integrar este projeto, permitindo, deste modo, a nossa imersão na CM, e, em particular, ter o privilégio de conversarmos e acompanharmos o trabalho do elenco. Agradecemos também à direção da CM o convite que nos endereçou e o facto de, numa plataforma de diálogo, ter permitido o desenvolvimento deste estudo. Uma palavra de particular apreço vai para Sofia Gomes, pela sua dedicação, profissionalismo, boa disposição e disponibilidade permanente. Agradecemos os preciosos contributos da Ana Caetano e da Magda Nico no acompanhamento científico-metodológico. Finalmente, dirigimos uma palavra também de agradecimento a Maria Gilvania Silva e a Pedro Casanova pelos seus contributos no desenvolvimento da investigação.

Introdução

A Companhia Maior (CM) é uma companhia de artes performativas de Lisboa, que perfez 10 anos em 2020. A celebração de uma década de atividade artística contínua, bem como a vivência de uma forte vicissitude que ameaçou as atividades da Companhia¹, constituíram o mote para elaborar um projeto que permitisse refletir e ampliar o património de uma década de experiência — o Causa Maior (CaM). A análise desenvolvida teve como foco o papel da criação artística na promoção da cidadania e da integração social das pessoas de idade maior. O CaM foi financiado pela Fundação Calouste Gulbenkian e a Fundação “la Caixa” no âmbito da iniciativa PARTIS & Art for Change, entre 2021 e 2023.

O CaM foi constituído por três eixos: assegurar a continuidade do trabalho de criação artística; promover o desenvolvimento de um estudo de impacto social da Companhia junto do seu elenco; e o alargamento do trabalho da Companhia a novas geografias e públicos, dando forma a uma estratégia de *advocacy* por uma Causa Maior. O CaM propôs-se, assim, dar visibilidade e promover a reflexão sobre o valor social da CM, aspirando, consequentemente, a assumir um posicionamento de *advocacy*, visando contribuir para informar políticas públicas no domínio do envelhecimento e do combate ao idadismo. Como refere uma das pessoas que esteve na fundação da Companhia,

É muito importante (...) não deixarmos outras vozes falarem por nós. Nós temos de ser capazes de falar de uma forma assertiva sobre a nossa própria realidade. E normalmente as pessoas idosas não têm voz e no nosso país nós não temos uma grande capacidade associativa com organismos que lutem pelos direitos e pelas necessidades desta população. (...) Nós não vamos fazer trabalho social, (...) [mas] nos workshops que a Companhia pode dar ou conversas que pode ter, algumas dessas conversas podem não ser artísticas. (...) Há todo um potencial de angariar para esta causa uma série de gerações que não são maiores (E1)².

1 A cessação do acolhimento da CM como companhia residente no Centro Cultural de Belém.

2 Ao longo do presente texto, convocamos, de forma anónima, as palavras que recolhemos através de entrevistas (E) realizadas com fundadores e criadores da CM.

A Associação A3S acompanhou a CM na estruturação e no reporte do CaM à iniciativa PARTIS & Art for Change, na elaboração do estudo de avaliação de impactes sobre o seu elenco e no desenvolvimento e formalização de uma estratégia de *advocacy*.

Este texto versa sobre o trabalho realizado a partir da perspetiva da A3S³. Começa por explanar sobre as premissas de partida de uma *Causa Maior*, para se centrar com especial foco no estudo de impactes e nos resultados do trabalho de animação, reflexão e assunção de um posicionamento de *advocacy* por parte do elenco. A última parte deste texto — “Por uma Causa Maior” — é o resultado de um longo processo de trabalho realizado com pessoas do elenco e por elas validado, sendo também suas as palavras aqui plasmadas. Nesta publicação final, é o momento de afirmar uma Causa Maior, que não é exclusiva da Companhia Maior, mas antes uma causa que é comum a todos os cidadãos e todas as cidades.

1. Ser Maior: a existência como ato de resistência

Fundada em 2010, a CM nasceu da vontade de criar um projeto artístico com pessoas em idade maior, privilegiando uma abordagem profissional e com elevada exigência artística. Nas palavras de uma das suas fundadoras, a vontade era a de “perceber em pessoas de uma certa idade, o que é que, a nível de criatividade, ainda havia ali dentro. O que é que se podia fazer com aquela criatividade” (E1). Inspirando-se no projeto britânico *Company of Elders*, tratava-se mais de um projeto associado à criação artística e não tanto às questões de ordem social:

a Companhia Maior está sempre muito agarrada a este lado social que (...), obviamente, faz parte também do projeto, que uma pessoa também não o pode recusar. Mas de facto, durante muito tempo, eu quis que não fosse esse o seu *core business* (E1).

O nome de companhia surge porque vem afirmar a ideia de regularidade, de continuidade (...), não poderia ser uma criação avulsa. E achamos o ‘maior’ um

3 Uma abordagem mais detalhada das análises e resultados que aqui se apresentam está disponível no relatório final de acompanhamento e avaliação do projeto Causa Maior (Veloso, Marques & Quintão, 2024).

nome que teria essa dimensão simbólica, para já muito positiva, que validava a questão da idade e da experiência e que obviamente também tinha algum sentido de humor, o que para nós era importante (E2).

O Centro Cultural de Belém é um dos seus fundadores, tendo acolhido a CM, como companhia residente até 2019. A constituição da CM representou, assim, uma forma clara de colocar à prova a imagem social estereotipada da velhice como dependência e incapacidade e da pessoa maior como categoria uniforme e homogeneizadora. Esta questão tem especial relevância no mundo das artes performativas contemporâneas onde, sobretudo nas sociedades ocidentais, os cânones do corpo e das suas destrezas físicas glorificam a juventude. A associação de um tipo ideal de corpo a uma expressão de arte tem, comumente, impactos nefastos na vida dos artistas, encenadores e também na sociedade em geral (Fazenda, 2017; Lira, 2018). O corpo envelhecido é tido, frequentemente, como incapaz de se expressar artisticamente, acompanhando tendências de marginalização das populações seniores que são transversais às sociedades ocidentais em vários domínios da vida.

A constituição do elenco tem como critérios de base as pessoas terem idades superiores a 60 anos, alguma experiência no domínio artístico e motivação. No momento de criação da Companhia, a constituição do elenco teve na sua base a participação num *workshop* e uma audição para seleção.

O elenco da CM constitui-se como um grupo heterogéneo de pessoas a vários níveis: etário (inclui desde pessoas que entraram ainda antes de completar 60 anos de idade, até pessoas que têm, atualmente, idade superior a 90 anos); trajetórias profissionais e de relação com as artes performativas (algumas profissionais, outras amadoras e de diferentes linguagens artísticas); situação ocupacional presente (desde pessoas muito ocupadas e ativas profissionalmente, a pessoas com menor atividade profissional ou isoladas); e capacidades, sensibilidades e vulnerabilidades a nível físico, cognitivo ou psicossocial (força, agilidade, memorização, comunicação, etc.). Como refere um criador,

pareceu-nos muito mais interessante esta ideia heterogénea de que em palco encontrávamos corpos que confirmavam os nossos estereótipos sobre a idade e corpos que contrariavam esses estereótipos e que, tal como na vida, esses

corpos podiam pertencer ao mesmo lugar, à mesma estética, ao mesmo discurso artístico (E2).

Constitui, ainda, um elenco que demonstra uma grande disponibilidade para a experimentação e para a adesão a novas linguagens e abordagens artísticas.

As premissas e as práticas da CM traduzem-se, desta forma, numa consciência forte e ativa de combate a uma representação homogênea das pessoas de idade maior, bem como de crítica aos consequentes efeitos discriminatórios. De forma geral, o idadismo, à semelhança de outras formas de estigmatização, tende a incorporar-se nas atitudes e comportamentos das pessoas, podendo transformar-se numa profecia autorrealizada (Ayalon & Tesch- Römer, 2018). As práticas e discursos dos vários membros do elenco da CM demonstram, claramente, uma recusa desses processos de estigmatização.

Desde a origem da CM que anualmente são convidados criadores e criadoras que desenvolvem um trabalho com o elenco constituído por momentos formativos e de experimentação, culminando com uma criação artística final que é apresentada publicamente. Para o trabalho anual de criação artística coreógrafos/as e encenadores/as são “equacionados de forma ambiciosa” (E2), sendo convidadas pessoas com perfis heterogêneos, quer do ponto de vista das linguagens, quer das práticas artísticas, com predomínio das contemporâneas.

A CM assume-se, assim, como um projeto intergeracional ao privilegiar o encontro com criadores e criadoras em geral mais jovens do que os membros do elenco. O estado da arte evidencia que o diálogo intergeracional contribui para combater o isolamento social, a discriminação, a doença mental e, acima de tudo, promove a criação de ambientes mais estáveis para todos os agentes sociais envolvidos (Karkou et al., 2022), o que também se evidencia no mundo das artes performativas (Douse et al., 2020; Engelhard, 2020). Efetivamente, ainda que tenha como foco primordial a dimensão artística, a CM desenvolve também a dimensão social e, na perspetiva de alguns criadores, de forma virtuosa:

Congrega o melhor de dois mundos (...), tem uma componente social, porque é intrinsecamente social eles juntarem-se e estarem num coletivo a encontrarem

novos desafios, (...) e tem a componente artística de virem criadores contemporâneos, de agora, criar com eles peças de raiz (E4).

Igualmente neste sentido, e perante um paradigma em que a renovação do tecido artístico se dá pela criação de novas companhias e pela inclusão de pessoas mais novas, um dos criadores aponta para um horizonte em que a renovação de qualquer companhia se pudesse concretizar com a integração de pessoas de idade maior.

O processo de criação artística desenvolvido com o elenco é considerado desafiante para os/as criadores/as sob vários pontos de vista: os tempos de criação mais prolongados para atingir as exigências de qualidade artística; as representações dominantes da idade maior e a tendência para assentar o trabalho em questões associadas à memória e ao passado do elenco, por força da idade, e para lhes atribuir papéis estereotipados, que importa contrariar; as fragilidades e condicionantes dos membros do elenco, que podem alimentar o próprio trabalho desenvolvido,

quer de textos, quer do próprio movimento. A própria articulação coreográfica de corpos no espaço é informada destas coisas. (...) Isso também é mais uma camada que poderá servir o trabalho. (...) Por isso, mesmo esses elementos que fazem parte dessas falências naturais que todos nós vamos ter, para nós foram estimulantes também para o trabalho (E4).

É ainda desafiante do ponto de vista dos códigos profissionais e artísticos e das clivagens geracionais que se refletem na postura em palco, na apresentação em cena e na interpretação de texto, exigindo abertura, adaptação e negociação entre elenco e criadores/as. A diversidade de experiências, de capacidades artísticas e técnicas do elenco, é percebida como uma força e como uma “espécie de linguagem ou estética” da CM (E2), permitindo aos/as criadores/as “trabalhar de vários pontos de vista” (E5). O combate ao idadismo reverbera, assim, nos desafios sentidos por criadores e criadoras artísticas/os convidadas/os de gerações mais jovens. Ao longo deste trajeto, a CM produziu 15 espetáculos e envolveu 18 criadores com processos criativos contemporâneos na experiência deste encontro intergeracional.

Tal como acontece com a maioria das companhias profissionais de artes performativas do país, também a CM enfrenta desafios de precariedade

e sustentabilidade que colocam à prova a resistência e tenacidade da criação artística nacional. O final do acordo com o Centro Cultural de Belém, que acolheu a CM ao longo de uma década, acarretou uma maior instabilidade e a necessidade de procurar alternativas. Na visão da pessoa responsável pela sua criação, estava patente a ideia de uma Companhia que pudesse ser acolhida por diferentes instituições culturais, “para que, de facto, fosse uma companhia muito mais global e não tão enclausurada num só teatro”. Contudo, perante a dificuldade de encontrar espaços de trabalho (o que é comum a uma grande parte das companhias portuguesas), a realidade mostrou-se mais adversa, designadamente no decorrer do CaM, em que a CM teve de se adaptar a sucessivas mudanças de espaço de ensaios, nem sempre dispondo de condições adequadas. Esta situação trouxe “muita instabilidade ao grupo” (E5).

A CM também se confronta com desafios importantes do ponto de vista da gestão, que perante a instabilidade e oscilação de ciclos de financiamento, numa Companhia com um grande número de intérpretes, vê inviabilizadas digressões devido ao seu custo e também, num dado momento, foi obrigada a diminuir o *cachet* dos artistas. Tal instabilidade, associada à escassez e descontinuidade de recursos, traduz-se numa intermitência do trabalho da CM, concentrado em períodos restritos e descontínuos ao longo do ano, o que acarreta perdas no sentido de grupo e nas conquistas em termos de motricidade, memorização, etc., que têm de ser retrabalhadas a cada início de um novo ciclo de atividades. Os membros do elenco consideram esta ausência de continuidade um aspeto muito negativo e que exige um investimento emocional acrescido. A lógica de trabalho por projeto, porque dependente da existência de recursos financeiros, constitui um fator determinante neste tipo de atividades, ao que acresce o facto de constituir um conjunto de pessoas de idade maior, para as quais a continuidade e a integração de atividades no quotidiano constitui, certamente, um elemento-chave para a qualidade das suas vidas e, logo, um fator a contemplar, de forma planeada, no domínio das políticas públicas.

A escassez de recursos financeiros constitui, assim, uma limitação relevante que constrange o potencial da CM e imprime uma tensão permanente entre as suas componentes profissional e social.

É um projeto que poderia ter crescido, que poderia ter uma dimensão muito mais alargada, ter muito mais regularidade na sua atuação, mas não tem os meios, o espaço, a estrutura ou não foi tendo, não por falta de capacidade de os perseguir, mas porque é a realidade (...). Por um lado, uma companhia precisa de fidelização, tem de ter uma identidade, mas, por outro lado, um projeto desta natureza e uma companhia com estas características, pede-nos uma abertura, uma acessibilidade e uma inclusão que são difíceis de obter quando não se cresce (E2).

Por sua vez, o facto de ser um elenco constituído por elementos que partilham um conjunto de características sociodemográficas e económicas, pode representar um elemento constrangedor, levando ao potencial encerramento da CM em núcleos restritos do ponto de vista das classes sociais:

a Companhia é bastante homogénea dentro da sua composição, quer social, quer socioeconómica, quer, ainda, de definição de identidades, (...), e nesse sentido acho que o trabalho, sendo um trabalho social, poderia ir muito mais longe.

[Poderia] procurar outras realidades (E3).

A existência da CM há cerca de 15 anos é, assim, um ato de múltiplas formas de resistência. Resistência às condições adversas de criação artística no contexto nacional, resistência relativamente à invisibilidade e marginalização de certos corpos na sociedade em geral e nas artes, em particular, onde historicamente múltiplos corpos marginalizados (racializados, femininos, queer, com incapacidades, neuro-divergentes, párias, não normativos, e, enfim, velhos) buscam ainda hoje por visibilidade. Na peça *Corpos Velhos - Pra que Servem?*, o coreógrafo brasileiro Luis Arrieta parte, precisamente, deste questionamento:

Ao colocar esses corpos como protagonistas, o trabalho mostra a transversalidade e a urgência das questões e temáticas que atravessam o etarismo na sociedade, e exalta a permanência do fazer artístico como ato de resistência política, poética e subversiva.⁴

Resistência, ainda, ao esquecimento e à tendência prevalecente nas nossas sociedades do “presentismo”, como discute François Hartog (2003), na abordagem de um presente omnipresente. Neste sentido, no âmbito do CaM foi

4 Bienal SESC de Dança realizada em 2023. Disponível em: <https://bienaldedanca.sescsp.org.br/apresentacoes/corpos-velhos-pra-que-servem/>. Acedido a 3 de março de 2025.

realizado um importante trabalho de tratamento do acervo documental e construção de um website que, desde 2022 tornou acessível ao público em geral informação sobre uma década de trabalho da CM. O CaM foi também a abertura a novos territórios e novos públicos. Foi a realização de uma conferência internacional no Centro Cultural de Belém em novembro de 2023, chamando congéneres, investigadores, agentes culturais e público em geral. Foi um processo de afirmação a um público mais abrangente de um lugar maior de existência, e foi a consolidação de uma posição de ação e comunicação que aspira a ser escutada pelos poderes públicos.

2. O lugar da Companhia Maior nas biografias e trajetórias dos membros do elenco

Um dos eixos do CaM consistiu na análise das biografias dos membros do elenco, visando lançar visibilidade sobre o papel da CM nas suas trajetórias e na sua qualidade de vida. O estudo teve por base uma metodologia assente na realização de entrevistas individuais em profundidade, complementadas com análise documental, observação direta de momentos-chave das atividades do CaM e momentos coletivos de auscultação, debate e validação de resultados junto do elenco. Adotou-se uma abordagem de cariz biográfico através da qual se olha para os acontecimentos e contextos a partir da perspetiva das pessoas que estão a ser estudadas, de modo a compreender a vida social em termos processuais e não estáticos (Bryman, 1988). Esta metodologia consubstanciou-se na realização de duas entrevistas a cada um dos membros do elenco da CM: a primeira em 2021, quando teve início o projeto CaM, e a segunda em 2022, um ano após o arranque do projeto. A abordagem realizada condensou quatro objetivos:

- ▷ recolher e analisar informação sobre o lugar que a CM ocupou e ocupa nas biografias dos e das intérpretes;
- ▷ tornar as entrevistas momentos de estímulo reflexivo, com efeitos positivos na auto perceção dos/as entrevistados/as acerca da sua história de vida e das perspetivas face ao presente e ao futuro;
- ▷ perceber o lugar ocupado pelo CaM nas vidas dos/as entrevistados/as, em particular as expectativas e impactes;

▷ perceber as perspetivas dos/as entrevistados/as acerca das problemáticas do envelhecimento ativo e dos preconceitos face ao envelhecimento. As entrevistas foram transcritas na íntegra e foi realizada uma codificação e análise de conteúdo de cariz temático das mesmas, com suporte do software MaxQda®. A análise permitiu chegar a perfis sociodemográficos e culturais e a uma abordagem das perspetivas do elenco face à CM e ao CaM. Permitiu também evidenciar pistas para uma compreensão não só das histórias individuais e do campo cultural e artístico em Portugal, mas também das necessidades das pessoas seniores, da importância do combate ao idadismo e da ideia de existência unicamente associada à atividade laboral e produtiva. A estas pistas acrescem outras associadas à realização de sonhos e aprendizagens ao longo da vida em qualquer idade, à convivência e trabalho intergeracional e, principalmente, ao papel da arte na promoção de melhores condições de vida.

2.1. Perfis sociodemográficos e profissionais

Foram entrevistadas 21 pessoas que integram e/ou integraram o elenco da CM, sendo 13 do sexo feminino e oito do sexo masculino. Apenas uma pessoa tem idade inferior a 60 anos, num leque etário heterogéneo que se prolonga até uma idade superior a 90 anos. A maioria dos membros do elenco da CM vive acompanhada, casada ou em união de facto (nove) e separada/divorciada (sete). 17 membros do elenco têm filhos e 12 têm netos. Uma parte vive com filhos ou com os pais, a quem prestam cuidados. As pessoas que vivem sozinhas são viúvas, divorciadas ou solteiras.

A ampla maioria detém o ensino superior, o que indicia que estamos perante um conjunto de indivíduos com uma origem social privilegiada, já que, em Portugal, a detenção de ensino superior foi, durante várias décadas, em particular antes do 25 de Abril de 1974, um atributo de uma minoria de pessoas. Por sua vez, a maior parte do elenco não detém formação artística: entre os 21 membros entrevistados, nove frequentaram formação especializada em áreas artísticas de nível superior ou não superior (como é o caso de Escolas de Dança e/ou Teatro). Das 21 pessoas, apenas duas não se encontravam reformadas em 2021. Do ponto de vista das trajetórias profissionais,

atendendo à elevada heterogeneidade das condições objetivas de trabalho de cada pessoa ao longo da sua trajetória (vínculo contratual, remuneração, horário de trabalho, etc.), optou-se por focar a análise nas atividades profissionais exercidas e a relação com a área artística.

A profissão principal dos integrantes do elenco entrevistados é/foi, na sua maioria, associada à área da rádio/televisão, seguida da dança/ballet. Considerando a sua maior ou menor relação com a área artística, é possível agrupar os membros do elenco em quatro tipos de situações: percursos profissionais nas artes performativas, compreendendo as áreas de teatro, cinema, dança e/ou música (6); percursos profissionais na rádio e televisão (5); percursos semiprofissionais de pessoas que desenvolveram uma atividade artística em paralelo à sua atividade profissional principal, particularmente ligados ao teatro no contexto de instituições bancárias, afirmando-se crescentemente de forma profissional (3); e percursos profissionais não artísticos, em que as pessoas desenvolveram outras atividades ao longo da vida, tendo enveredado pela área artística numa fase mais tardia, por via da entrada na CM e/ou de outras experiências prévias e/ou contemporâneas às suas atividades na CM (7).

No que tange à situação financeira dos membros do elenco (plasmada na análise a partir do que os/as entrevistados/as nos reportaram quando os questionamos acerca da sua situação financeira e das dificuldades com que se depararam ou deparam), embora reconheçam e critiquem a instabilidade da profissão de artista, a maior parte considera ter uma vida financeira estável pois muitos não se dedicaram exclusivamente ao trabalho artístico de modo profissional. Entre os artistas profissionais, foram comuns os relatos sobre a vivência de uma instabilidade financeira ao longo de toda a vida, o que, frequentemente, esteve relacionado com vínculos contratuais precários e uma carreira com reduzidas contribuições para a segurança social. No passado e no presente, muitos detêm ou detiveram mais do que um emprego para complementarem os seus rendimentos ou reformas.

A relação com as artes e a cultura nos percursos pessoais e/ou profissionais do elenco é uma constante na maioria das pessoas do elenco da CM, quer por via da família, quer pelo desenvolvimento da sua carreira

profissional, quer ainda pelas suas atividades de lazer, com destaque para atividades como espectador. As artes e a cultura, de forma mais passiva ou mais ativa, estão presentes nas vidas do elenco da CM, o que evidencia a detenção de um capital cultural (Bourdieu, 2010) que, potencialmente, é vertido para as atividades no quadro da CM.

As características sociodemográficas do elenco permitem afirmar que uma grande parte pertence a classes sociais favorecidas do ponto de vista económico, social e/ou cultural, tendo em linha de conta as profissões, os níveis de escolaridade, etc. Também por isso, as práticas de lazer associadas às artes permitem evidenciar a prevalência de práticas culturais mais associadas com o *habitus* de classes sociais favorecidas.

A partir de uma abordagem relacional da caracterização sociodemográfica e sociocultural dos membros do elenco da CM, com base numa análise de *clusters*, foi possível chegar a cinco perfis principais.⁵

Perfil 1 “Viver e aprender a dançar”: pessoas com percurso artístico, curso superior na área artística e perfil profissional ligado à dança, com situação financeira menos estável. Abordam a precariedade do percurso artístico no país e as dificuldades enfrentadas ao longo da vida e no momento presente.

Perfil 2 “Interpretativo”: pessoas com percurso no teatro, maioritariamente profissional, mas também semiprofissional, que praticam atividades de lazer relacionadas com o teatro e o cinema. São pessoas que vivem acompanhadas e sentem-se realizadas.

Perfil 3 “Ama[dores/as]”: pessoas que não desenvolveram, na sua maioria, carreira artística, com percursos educativos diferentes, e que se dedicaram às

5 Para o efeito utilizou-se o software MaxQDA que constitui uma ferramenta amplamente testada e reconhecida para a realização de análises temáticas e de discurso (Leimbiger, 2021; Oswald, 2019). As entrevistas realizadas foram codificadas com base numa abordagem indutiva, em que a partir das respostas a cada tema/variável abordado na entrevista foram derivados códigos que refletem as perspetivas e representações do elenco. A constituição dos perfis teve na sua base uma análise de clusters com o objetivo de encontrar similitudes e diferenças entre o elenco relativamente às suas características sociais e demográficas e ao seu envolvimento e percurso em atividades artísticas desempenhadas profissionalmente e/ou por lazer. Os códigos considerados foram relativos: i) aos perfis sociodemográficos (categoria profissional; escolaridade; situação na profissão; situação conjugal; estrutura familiar; preocupações); ii) e aos perfis culturais (relação profissional com artes e cultura; atividades de lazer na área cultural e artística; atividades de lazer não artísticas). Não foi considerada a variável idade, pois apenas um dos entrevistados tem idade inferior a 60 anos.

artes de forma amadora ou semiprofissional. Têm uma vida estável financeiramente e uma forte relação familiar, tendo filhos e netos.

Perfil 4 “A arte à espreita”: agrega uma quantidade mais heterogênea de características, tendo como elementos comuns a relação com a arte antes da integração na CM, que varia entre fraca e forte. Outras características compreendem: a existência de familiares artistas na família; o exercício de uma profissão principal nem sempre artística, mas por vezes, de modo semiprofissional; atividades profissionais flutuantes dentro e fora do setor artístico; ou práticas de lazer culturais, como idas ao cinema e a espetáculos de dança.

Perfil 5 “O poder da palavra”: caracteriza pessoas com uma trajetória flutuante dentro e fora do setor cultural e artístico e uma incidência da atividade profissional em rádio e televisão. A leitura e a literatura aparecem como atividades de destaque e, no que tange às relações interpessoais, as amizades são mais restritas.

Quadro 1 - Perfis sociodemográficos e profissionais

Perfil 1 “Viver e aprender a dançar”	Perfil 2 “Interpretativo”	Perfil 3 “Ama[dores/as]”	Perfil 4 “A arte à espreita”	Perfil 5 “O poder da palavra”
Percurso artístico educativo e profissional (dança)	Percurso artístico profissional e semiprofissional (teatro)	Percurso artístico amador ou semiprofissional	Percurso profissional e semiprofissional nem sempre artístico	Percurso profissional artístico (rádio e televisão) e não artístico.
Situação financeira menos estável	Atividades de lazer relacionadas com as artes	Situação financeira estável	Atividades de lazer relacionadas com as artes	Atividades de lazer relacionadas com as artes
	Não isolamento social	Não isolamento social	Existência de familiares artistas na família	Alguns isolamento social
	Realização pessoal			

Trata-se de perfis que permitem compreender características importantes das especificidades da CM, em particular pela sua riqueza e diversidade. Na CM cruzam-se pessoas para quem as práticas artísticas são centrais nas suas vidas com pessoas cujos percursos profissionais não são artísticos. Comungam o facto de serem consumidores culturais e divergem do ponto de vista da estabilidade financeira e da estrutura do seu círculo de convivência familiar e de amizade.

Mais do que a idade, outras características prevalecem na CM, potenciando contributos distintos para o seu desenvolvimento.

2.2. A Companhia Maior nos percursos do seu elenco

Fazendo um balanço da sua participação na CM, a avaliação que os membros do elenco fazem contempla aspetos positivos e negativos. Entre os aspetos positivos destacam-se a centralidade que a CM ocupa na vida dos membros do elenco, com menções a ser uma “atividade estimulante” e “manter-se ativo”, bem como a “qualidade artística”. Entre o conjunto de aspetos negativos referidos acerca da CM, destacam-se as discussões entre membros do elenco e também com outros elementos, tais como anteriores membros da direção e criadores/as. Outros problemas apontados referem-se às atividades desenvolvidas, seja pela sua ausência ou escassez, seja pela intensidade ou a pouca identificação com os métodos de trabalho adotados pelos/as criadores/as. É de destacar, ainda, que os membros do elenco com carreiras profissionais artísticas entendem que o facto de a CM ser composta apenas por pessoas mais velhas tem o seu lado positivo, mas pode levar a uma estereotipagem do tipo de trabalho que os seniores desenvolvem. O elenco também considera que a CM tinha melhores condições na primeira década da sua existência, associadas ao apoio do CCB. As menções ao CCB e às condições anteriores são recorrentes e transversais a todo o elenco, assim como o sentimento de perda relativamente às mudanças ocorridas, tais como o fim do apoio e dos espaços de que dispunham anteriormente.

Quando questionados, no momento da primeira entrevista, sobre os momentos que mais marcaram os membros do elenco, de forma positiva ou negativa, observamos que os espetáculos *A Bela Adormecida* (2010), *O*

Melhor e o Mais Rápido... (2014) e *Sonho de uma Noite de Verão* (2016) se destacam positivamente pelo maior envolvimento geral do elenco. Uma das principais razões citadas é o facto de ser um teatro de autor/a ou uma reinterpretação de um clássico, com uma história própria e não baseada nas memórias e vivências do elenco. Outras peças são criticadas justamente por fazerem uso destas memórias, podendo causar algum excesso de exposição pessoal do elenco ou um processo autoral considerado abusivo. Além dos espetáculos, destacaram-se ainda como momentos positivos as digressões nacionais e no estrangeiro realizadas ao longo do percurso da Companhia. Por sua vez, os momentos não-temporalmente definidos, mas de particular envolvimento na companhia por parte do elenco, foram, além das digressões, os jantares, o primeiro dia na CM e as estreias dos espetáculos. Alguns espetáculos são destacados negativamente pelo elenco, em decorrência da sua organização e processo criativo. Um momento crítico foi a entrada de novos intérpretes na CM em 2014, pois obrigou à reorganização e readaptação da Companhia, o que poderá também ter contribuído para essa avaliação menos positiva. Foram também apontados como momentos negativos a diminuição do *cachet* após 2011, a mudança de direção no terceiro ano, por volta de 2012, e a pandemia do COVID-19 em 2020-2021.

No âmbito do projeto CaM, teve lugar a reposição do espetáculo *O Lugar do Canto Está Vazio*, de Sofia Dias e Vítor Roriz, em 2021, e foram desenvolvidas duas novas criações: *Transatlântico* de Ricardo Neves-Neves, estreada em 2022, e *Agora Nascíamos Outra Vez* de Aldara Bizarro, estreada em 2024.

No caso de *Transatlântico*, o elenco foi unânime na apreciação extremamente positiva de todo o processo criativo. A CM sentiu-se ouvida e acarinhada pelo criador, apreciando tanto o desafio de desenvolver um trabalho exigente como a oportunidade de colaborar com a equipa de jovens que integra o coletivo deste criador.

No caso de *Agora Nascíamos Outra Vez*, o processo foi considerado difícil tanto pelo elenco como pela encenadora. Ao contrário do anterior, aqui o processo criativo assentou num trabalho mais isolado da criadora com a CM, que revelou alguns constrangimentos. Se criadores anteriores da CM referem o processo de trabalho desafiante, que exige abertura, aprendizagem, negociação

e ajuste mútuo entre elenco e criadores/as, neste caso específico, esses elementos foram difíceis de conseguir. A criadora reconhece que seria necessário mais tempo para uma escuta atenta e um cuidado de todo o processo, o que por vezes não se coaduna com a lógica de curta duração da generalidade dos projetos artísticos. As clivagens geracionais em termos de formas de trabalhar, fruto de formações, experiências e códigos profissionais distintos, num caso com referenciais mais hierarquizados, noutro mais coletivistas, também constituem um fator destacado neste processo. Tendo sido difícil para ambas as partes, ambas constataam também que a peça, estreada perante uma plateia cheia, numa sala com “condições extraordinárias”, como é o caso do grande auditório da Fundação Calouste Gulbenkian, foi “uma vitória”, um espetáculo “bonito, forte e comovente”, que recebeu uma grande ovação do público. Tanto a encenadora como elementos do elenco destacam que há uma pulsão de ter voz na CM que, em palco, se manifesta como um corpo coletivo potencialmente transformador. Este corpo coletivo, com uma voz que urge ser escutada, está no cerne das ambições que o projeto CaM pretendeu materializar.

3. Uma década e meia de cidadania maior

Os critérios e/ou motivações que estão na base da integração de novos elementos no elenco na CM são de vários tipos: por convite/ sugestão de alguém; por ter interesse no projeto; como forma de ocupação de tempos livres; pela possibilidade de ser ator/atriz; e por ser uma atividade remunerada.

Não parece existir um consenso dentro do elenco sobre se o facto de as atividades de criação e apresentação pública serem remuneradas é importante ou não para que as desenvolvam. Este revela-se um ponto de clivagem no elenco, sobretudo entre aqueles/as que exerceram atividades profissionais em áreas não artísticas e têm acesso a reformas dignas e aqueles/as que exerceram atividades profissionais em áreas artísticas, com carreiras contributivas geralmente mais intermitentes e reformas de baixo valor financeiro.

Em relação aos momentos no percurso pessoal e profissional dos membros do elenco que despoletaram a sua entrada na CM, do ponto de vista individual destacam-se quatro momentos principais: após a reforma (o mais frequente); no momento em que foi sugerido por algum membro do elenco

ou da direção; em resposta a um anúncio, inclusive sem terem noção no primeiro *workshop* em que participaram que iria ser criada uma companhia; e ainda por autoproposta num contexto de procura de trabalho na área.

Do ponto de vista da trajetória da CM, é possível distinguir dois momentos fundamentais: um primeiro momento que corresponde à criação da Companhia, em que se incluem os membros que entraram nos dois primeiros anos da CM (2010 e 2011); e um segundo momento, com o recrutamento de novos/as intérpretes a partir do quinto ano de vigência da CM (entre 2014 e 2019). Destaca-se um grande comprometimento e envolvimento com a CM entre praticamente todos os membros do elenco, em que a CM ocupa um lugar central nas suas vidas.

De modo geral, os profissionais e os semiprofissionais de dança, teatro e até de rádio e televisão consideram que o ingresso na CM constituiu uma oportunidade de dar continuidade às suas carreiras. Já entre os amadores, a CM surgiu como uma possibilidade de realização de um sonho ou desejo, uma maneira de se manterem ativos e ocuparem o tempo livre com algo que lhes dá prazer, como é o caso da arte, bem como de superar as expectativas que têm em relação a si próprios.

Reconhecidamente, a CM tem permitido aos membros do elenco uma melhoria da qualidade de vida e acréscimo da autoestima, por via dos laços sociais que aí se estabelecem e dos estímulos a nível físico, intelectual e socioemocional que proporciona.

A assunção de um elevado espírito de profissionalismo da Companhia surge como um elemento central na afirmação deste papel social. O nível de exigência que é colocado gera uma grande satisfação ao ser cumprido, alimentando ainda um reconhecimento de familiares e amigos que reforça a autoestima. Como refere um/a dos/as fundadores/as a propósito dos membros do elenco:

A forma como estavam a transformar os seus horários diários, o seu quotidiano, a sua relação com a família, a sua relação com a cidade, o facto de terem de atravessar a cidade, voltar a usar transportes públicos fora da sua zona habitual, de se movimentarem muito mais, até fisicamente, de andarem muito mais. (...) Uma espécie de redescoberta daquela personalidade, que ali está fora do

contexto habitual e que é redescoberta. Há uma grande sensação de orgulho, de identificação dos familiares com o seu intérprete, e isso é uma coisa que depois vemos como um fator de autoestima enorme no intérprete (E2).

Esta realidade acaba por se traduzir também no trabalho dos/as criadores/as, que são estimulados a encarar a idade de outra forma nas companhias onde trabalham:

O impacto que tem, por exemplo, na forma como alguns destes artistas eventualmente passam a olhar para a diversidade dos corpos em palco, (...) a importância de quando falamos de diversidade de equipas, estarmos também a falar da questão da idade e não apenas de etnias, não apenas de estratos sociais, não apenas de geografia (E2).

Do ponto de vista da imagem externa, ainda que a CM não tenha sido criada de raiz como um projeto com preocupações sociais, mas antes como um projeto artístico profissional, ela é também reconhecida pelo seu caráter social. Este papel é ainda reforçado pelo impacto que a CM tem junto de outras pessoas em idade maior, pelo seu caráter exemplar. Neste sentido, a criação e o desenvolvimento da CM permitem criar oportunidades de discussão sobre as possibilidades de profissionalização, de integração no mercado de trabalho e de construção de objetos artísticos relevantes por parte de pessoas em idade maior.

A questão pode (e deve) ser alargada ao domínio das políticas públicas, o que exige equacionar a questão do idadismo, no campo artístico e na sociedade em geral:

A representatividade também se coloca nestes corpos, porque há uma ausência de representatividade de corpos velhos nas artes cénicas, tal como existe também uma negação, porque acompanha também o movimento social da rejeição do velho e de tentar enfatizar o novo (E4).

No início do CaM, em 2021 (e ainda sob a ameaça pandémica), decorrida uma década desde a criação da CM, o elenco demonstrava a continuidade do seu comprometimento. A análise das primeiras entrevistas permitiu delinear o conjunto de expectativas que os membros do elenco têm relativamente ao CaM, atendendo a alguns aspetos que melhorariam a CM e atividades que gostariam de realizar.



Figura 1: Companhia Maior / Ricardo Neves Neves, espectáculo *Transatlântico*, 2022. Fotografia © Bruno Simão; **Figura 2:** Companhia Maior / Sofia Dias e Vítor Roriz, espectáculo *O Lugar do Canto Está Vazio*, 2019. Fotografia © Bruno Simão.





Figuras 3 e 4: Companhia Maior / Aldara Bizarro, ensaio e espetáculo *Agora Nascíamos Outra Vez*, 2024. Fotografias © João Cardoso Ribeiro.



Os aspetos a melhorar referidos por mais do que um membro do elenco foram, por ordem de frequência: mais espetáculos por peça; projetos mais pequenos ao longo do ano, dividindo o elenco em subgrupos e assegurando uma continuidade das atividades; um maior número de digressões nacionais e no estrangeiro; mais peças clássicas e teatro de autor; mais workshops e cursos; menos peças baseadas nas memórias e vivências do elenco; mais conversas com o público após a apresentação das criações, procurando chegar a novos públicos; e mais comédias. Relativamente às características do próprio elenco, foi reforçada a necessidade de ter mais intérpretes do sexo masculino, já que constituem uma minoria, e de não aceitar a entrada na CM de elementos que não tenham experiência prévia em artes performativas. Este último aspeto, referem, tem consequências na qualidade dos trabalhos apresentados.

No que se refere às perspetivas e expectativas em relação ao CaM, uma grande parte reforça a perspetiva da importância do CaM no futuro da companhia e apresentam áreas de contribuição e atividades. Estas áreas concretizam-se, principalmente, na sensibilização do público em geral, e dos mais jovens em particular, para várias temáticas, como as do envelhecimento e do idadismo, mas também na referenciação de atores, o contacto com a comunicação social, a sistematização do percurso da CM, a educação teatral e o trabalho com populações mais vulneráveis.

Estas atividades, a desenvolver no quadro do CaM, estariam, segundo a perspetiva do elenco, focadas na organização de debates, conversas e jornadas educativas, no contacto com escolas, associações e lares de idosos, na sistematização do trabalho já realizado pela CM e na sua divulgação e apresentação. Estas atividades passariam ainda pela organização de sessões com o público no fim dos espetáculos, pela promoção de formações oferecidas pelo elenco da CM, o contacto com a comunicação social e o desenvolvimento de programas de referenciação dos intérpretes da Companhia a outros projetos artísticos.

O CaM veio, deste modo, complementar o trabalho artístico já desenvolvido pela CM e alargá-lo a novas áreas. É assim que, decorrido o primeiro ano do CaM, o elenco faz um balanço do projeto que contempla aspetos positivos e negativos. A menção mais frequente é a precariedade dos espaços de ensaio, uma das maiores dificuldades enfrentadas ao longo do primeiro

ano. Além disso, mencionam a necessidade da manutenção das atividades de modo regular — seja com mais ensaios ou com mais apresentações por espetáculos —, a necessidade de melhorar a comunicação e de tornar o processo de escolha do elenco para realização de atividades mais transparente.

No global, a avaliação acerca do primeiro ano é positiva e consistente, e a satisfação com o trabalho artístico é amplamente mencionada, fazendo referência, sobretudo, ao espetáculo que desenvolveram com o criador Ricardo Neves-Neves. Trata-se de uma perspectiva unânime, sendo salientados aspectos como a forma de desenvolvimento do trabalho, a metodologia artística e o trato pessoal.

De um modo geral, muitos entrevistados não abordaram o idadismo a partir de uma perspectiva crítica em torno dos preconceitos relacionados ao envelhecimento. Também não consideraram, sequer, que se tratava de um problema. Não obstante, debater essas questões, ainda que de modo não muito incisivo, são dimensões apreciadas, designadamente o facto de a CM promover a presença de pessoas mais velhas em espaços onde não se espera que estejam, o papel de exemplo e demonstração do que são capazes e as constantes afirmações de muitas pessoas do elenco de que a CM lhes poderia atribuir mais atividades. O elenco reconhece o papel do CaM numa mudança na perceção acerca do idadismo e dos direitos de cidadania.

Relativamente à perceção sobre a relevância social do CaM, destaca-se a referência à promoção de uma abordagem ao idadismo, sendo poucos aqueles que mencionam a relevância do CaM para a promoção da participação política ou da auto perceção como ativista. Entre quem não afirma um comprometimento com estas questões, há quem evidencie que integrar a CM lhes confere prestígio. É transversal entre o elenco que não querem ser objeto de juízos de valor estereotipados, nem vistos única e exclusivamente como velhos, mas como pessoas. Como eles próprios afirmam, “somos pessoas, mais velhas, mas apenas pessoas”.

Há também, entre os membros do elenco, indivíduos com histórico de ativismo e militância associado a causas diversas, desde sindicalismo, voluntariado em causas sociais, trabalho com populações em situação de vulnerabilidade, entre outros.

A literatura acerca do ativismo e da militância de longa duração revela, precisamente, que este tipo de trajeto potencia um maior envolvimento com diferentes causas sociais que percecionam como justas, o que não incide propriamente sobre as causas políticas ligadas a partidos e a política institucional e administrativa. O foco recai, antes, em causas associadas a ideais de liberdade e justiça, sendo o envelhecimento e combate ao idadismo uma delas que, por motivos óbvios, se evidencia entre o elenco.

Outros elementos apontados pelo elenco são o melhor desenvolvimento de competências artísticas e pessoais, entre as quais se destaca a aprendizagem e a reflexão, as competências motoras e cognitivas. Duas pessoas sugerem ainda que a CM deveria ter um «diretor artístico» ou «orientador pedagógico» para poder potenciar o melhor de cada um/a e canalizar para os diferentes perfis de trabalhos.

A conferência que teve lugar no final de 2023 é percecionada de forma extremamente gratificante. Destaca-se o envolvimento na criação, preparação e dinamização das oficinas, bem como o conhecimento de outras iniciativas direcionadas para pessoas de idade maior e ainda a discussão em torno do envelhecimento e do idadismo.

4. Por uma Causa Maior

Durante os três anos de trabalho com a CM e em grande proximidade com o seu elenco, várias foram as partilhas de motivações, visões críticas e aspirações, bem como as evidências de força anímica e voz ativista do elenco.

No final do projeto, foi dinamizada uma sessão com os membros do elenco em que partilhamos os resultados da análise realizada e, com as suas reações, respostas, questões, críticas, desafios, construiu-se, em conjunto, um “cartão de identidade” que encerra este capítulo. Um cartão de identidade da CM, que permite refletir e debater internamente as formas da sua mobilização do ponto de vista, nomeadamente, da comunicação, da difusão junto dos públicos, da partilha com entidades e pessoas com percursos que têm vindo a discutir e a questionar premissas de categorização estereotipada das pessoas em função da idade.

CARTÃO DE IDENTIDADE

A CM é uma companhia de artes performativas de Lisboa, com projeção nacional, que tem uma produção artística contínua há cerca de uma década e meia, trabalhando com alguns/mas dos e das criadoras com maior reconhecimento nacional e internacional no domínio da arte contemporânea.

A singularidade da CM é assumir-se como uma proposta intergeracional, que convida ao encontro criativo através de linguagens artísticas contemporâneas, entre um elenco formado por pessoas com mais de 60 anos e jovens criadores e criadoras contemporâneos.

A CM sempre se afirmou pelo **profissionalismo e qualidade artística**, tendo cedo alcançado reconhecimento no sector entre companhias de teatro congéneres, e distinguindo-se de outras iniciativas no campo das artes performativas de cariz amador ou de trabalho artístico com comunidades. Distinguindo-se também das suas congéneres das artes performativas, pelo elenco permanente e relativamente extenso (já pouco frequente entre as companhias de teatro na década de 10 do século XXI) e pelo enunciado de base do encontro intergeracional, como ignição para a liberdade criativa e para o poder transformador da criação artística. Aproxima-se das suas congéneres associações culturais pela debilidade estrutural de financiamento do sector das artes, incluindo a dificuldade em encontrar espaços de ensaio, e por alguns percursos de vida precários que afetam uma parte substantiva dos profissionais e amadores das artes performativas.

A força motriz da CM são gestos de resposta a necessidades efetivas e expressas pelas pessoas de idade maior (e menor) que têm vindo a assumir a iniciativa e o compromisso de materializar esta ideia. Necessidades que decorrem de diversas trajetórias de vida, com especial ênfase no setor das artes onde as questões do envelhecimento estão expostas de forma acrescida aos fenómenos de idadismo. Ou seja, a fenómenos de estereotipia com base na idade, numa sociedade de culto da juventude e da produtividade, e a fenómenos de efetiva discriminação. Discriminação no mercado

de trabalho (que lugar para corpos e idades maiores nas narrativas do culto da juventude?), com implicações efetivas noutras dimensões da vida social, tais como a perda de “reconhecimento social”, “estímulos”, “oportunidades”, “rendimento”. E discriminação no espaço público pela invisibilização destes sujeitos e corpos heterogêneos em numerosos lugares da vida social.

Necessidades comuns, que geram ações e urgências coletivas (porventura, e antes demais, a de continuar a criar arte) as quais incorporam em si mesmas um ativismo, uma expressão clara e consciente de resistência à normatividade e de construção de alternativa ao envelhecimento socialmente decretado.

A existência da CM é, em si mesma, um gesto político de rutura com a normatividade idadista da nossa sociedade contemporânea. Já o foi em 2010, ou mesmo em 2007 de acordo com as memórias agora disponíveis no seu website (ver texto de Luísa Taveira de 2010), e é-o tanto mais decorridos 14 anos de existência. A sua existência e persistência são a força da evidência e demonstração de que outras relações, lugares e pessoas (sujeitos e corpos) intergeracionais são possíveis.

O potencial transformador da CM plasma-se no facto de ser um exemplo demonstrativo de que a criação e as práticas artísticas não têm qualquer associação à idade. A missão da CM é a criação artística a partir da intergeracionalidade, não é a de desenvolver programas de sensibilização e advocacia em torno do idadismo e do envelhecimento ativo — registos retóricos de agendas políticas de vários grupos sociais e poderes políticos. Ao ser o que é, incorpora ativamente o papel social de *advocacy* em torno do combate ao idadismo e à discriminação em função da idade.

Trabalhamos para...

... continuar a ser exemplo de que há LUGARES MAIORES,
onde a idade não é condição de menorização,
... continuar a motivar criadores e criadoras, públicos e entidades parceiras

para o desafio da intergeracionalidade através da criação artística,
... que os membros do elenco da CM sejam considerados intérpretes e cocriadores e que não sejam sujeitos, objetos, conteúdos, memórias ou imagens estereotipadas de idadismo a integrar nas criações artísticas,
... que a CM e os elementos do seu elenco sejam escutados e estimulados pelas suas capacidades individuais e coletivas, não apenas nos desafios da produção artística contemporânea, mas também nas suas vertentes de conhecimento e experiência de vida que complementam a CM com outras atividades que densificam a Causa Maior. São elas o contacto com diferentes públicos, atividades de formação, organização de eventos culturais e a possibilidade de os próprios membros do elenco assumirem o papel de cocriação,
... que as políticas públicas facultem a criação de condições para o desenvolvimento das atividades culturais e artísticas, tais como espaços de trabalho e de apresentação, condições dignas de trabalho de produtores, mediadores e outras estruturas de suporte.

Aspiramos a que a as políticas públicas...

... articulem a arte e a cultura com o debate sobre o idadismo,
... integrem a intergeracionalidade,
... olhem para o envelhecimento de forma comprometida e transversal às várias dimensões da vida social,
... sensibilizem as pessoas e as instituições para o envelhecimento,
... retirem os seniores do esquecimento e da invisibilidade,
... rompam com a ideia da existência humana vinculada à ocupação de um lugar no mercado de trabalho,
... criem oportunidades de qualificação de pessoas de idade maior, contribuindo de forma efetiva para melhorar a saúde física e cognitiva das pessoas em idade maior.

Este cartão de identidade foi construído com o elenco para ser mobilizado internamente e disseminado pela CM na sociedade e junto dos poderes públicos: uma Causa Maior em prol de uma Idade Maior.

Referências

- Ayalon, L., & Tesch-Römer, C. (2018). Introduction to the section: Ageism concept and Origins. In L. Ayalon & C. Tesch-Römer (Eds.), *Contemporary perspectives on ageism, international perspectives on aging* (pp. 1-10). Springer.
- Bourdieu, P. (2010). *A distinção*. Edições 70.
- Bryman, A. (1988). *Quantity and quality in social research*. Routledge.
- Douse, L., Farrer, R., & Aujla I. (2020). The impact of an intergenerational dance project on older adults' social and emotional well-being. *Frontiers in Psychology*, 11. <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2020.561126>
- Engelhard, E.S. (2020). Free-form dance as an alternative interaction for adult grandchildren and their grandparents. *Frontiers in Psychology*, 11(542). <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2020.00542>
- Fazenda, M.J. (2017). Creating and performing in Companhia Maior: memories of life, experiences of continuity and transformation. In Gustavo Vicente (Ed.), *Intensified Bodies, From the performance arts in Portugal*. Peter Lang.
- Hartog, F. (2003). *Régimes d'historicité. Présentisme et expérience du temps*. Le Seuil.
- Karkou, V., Sajnani, N., Orkibi, H., Groarke, J.M., Czamanski-Cohen, J., Panero, M.E., Drake, J., Jola, C., & Baker, F.A. (2022). Editorial: The psychological and physiological benefits of the arts. *Frontiers in Psychology*, 13. <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2022.840089>
- Leimbigler, B. (2021). Using MAXQDA for identifying frames in discourse analysis: Coding and evaluating presidential speeches and media samples. In M.C. Gizzi & S. Rädiker (Eds.), *The practice of qualitative data analysis: Research examples using MAXQDA* (pp. 121-133). MAXQDA Press.
- Lira, C.B. (2018). Quando bailarinas envelhecem: gênero, corpo e envelhecimento. *Revista Feminismos*, 6(2), 129-138.
- Oswald, A.G. (2019). Improving outcomes with qualitative data analysis software: A reflective journey. *Qualitative Social Work*, 18 (3), 436-442. <https://doi.org/10.1177/1473325017744860>.
- Veloso, L., Marques, J., & Quintão, C. (2024). *Relatório final de acompanhamento e avaliação do Projeto Causa Maior*. Associação A3S.